

ENSINO DE LIBRAS PARA UMA ALUNA DEFICIENTE VISUAL COM TRANSTORNO DE MODULAÇÃO SENSORIAL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

TEACHING BRAZILIAN SIGN LANGUAGE TO A VISUALLY IMPAIRED STUDENT WITH SENSORY MODULATION DISORDER: AN EXPERIENCE REPORT

Claudia Catarina Oliveira da Paz¹

Universidade Federal do Pará / claudiapaz@ufpa.br

Caroline Barros Soares²

Universidade Federal do Pará / carolinebarros1708@gmail.com

Ana Cleide Vieira Gomes Guimbal de Aquino³

Universidade Federal Rural da Amazônia / ana.guimbal@ufra.edu.br

Área Temática 05: Ensino-aprendizagem de línguas materna, segunda e estrangeira

Modalidade: Relato de Experiência

1. Apresentação

O presente relato de experiência visa discorrer sobre o ensino da Língua Brasileira de Sinais (Libras) para uma aluna matriculada no curso de bacharelado em História na Universidade Federal do Pará, com deficiência visual e Transtorno de Modulação Sensorial que é compreendido como “a dificuldade do sistema nervoso central em regular, de maneira gradual e adaptada ao ambiente as sensações adequadamente (Lane et al., 2000). O Transtorno de Modulação Sensorial pode envolver clinicamente um ou mais dos sete sistemas sensoriais: auditivo, gustativo, olfativo, proprioceptivo, vestibular, visual e tátil, podendo variar de um grau leve a severo incluindo: hipersensibilidade sensorial, hipossensibilidade sensorial, busca sensorial ou ainda uma combinação dos sintomas desses três subtipos.

No que se refere ao quadro clínico, a aluna apresenta hipersensibilidade sensorial tátil que segundo Bundy e Lane (2002) citado por Monteiro (2003, p 29):

A inabilidade para interpretar corretamente aos estímulos táteis, levam as crianças a apresentarem alterações emocionais frente a qualquer estímulo que lhes pareçam ameaçador, exibindo um comportamento de fuga e aversão. É vista como uma reação

aversiva ao toque e está associada à hiperatividade e à distraibilidade (Bundy; Lane, 2002 apud Monteiro, 2003, p. 9).

Ancorada na condição clínica da aluna, que apresenta aversão ao toque e deficiência visual, surgiram inquietações a respeito de como se construiria a aquisição da Libras como segunda língua sem a aplicação da Libras tátil tão usualmente utilizada para o aprendizado de deficientes visuais.

Diante desse contexto, desponta o tema desta apresentação, com o intuito de trazer não só a comunidade acadêmica como ao público geral interessado na temática, reflexões acerca dos desafios que envolvem a aquisição de uma segunda língua por uma pessoa com deficiência.

Nesta perspectiva, o objetivo do presente relato é descrever a experiência de ensinar a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como segunda língua na modalidade visuoespacial para uma aluna deficiente visual, portadora de Transtorno de Modulação Sensorial utilizando como metodologia para o ensino, a áudio descrição dos sinais.

2. Metodologia

O atendimento educacional foi realizado por meio de tutoria e foi pautado em um aprendizado de Libras que utilizou o processamento visuoespacial através da representação gestual, realizada em um determinado espaço do corpo, e a áudio descrição como metodologia de aprendizagem.

A seleção dessas duas abordagens metodológicas ocorreu em decorrência da aluna não possuir surdez e problemas na fala que pudessem interferir na interação durante as aulas haja vista que os sinais seriam ensinados através da áudio descrição e, portanto, precisaria de uma maior interação professora-aluna para o sucesso da aprendizagem.

Por ser uma aprendizagem que se difere da convencional utilizada por deficientes surdo-cegos, haja vista que a usual é a Libras tátil, teve um caráter experimental com ações que viabilizaram a interação, comunicação e a construção de conhecimentos dentro de um contexto inclusivo.

A tutoria foi realizada por Cláudia Catarina Oliveira da Paz, professora substituta de Libras, lotada no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Pará, no município de Belém, estado do Pará, e se deu para uma aluna deficiente visual, com Transtorno de Modulação Sensorial, matriculada no curso de Bacharelado em História da mesma Instituição e solicitou sua inscrição na disciplina de maneira optativa, uma vez que Libras se torna obrigatória apenas para cursos de licenciaturas e Fonoaudiologia.

Foram 16 as aulas no total com horários agendados e ocorreram todas as terças-feiras e quintas-feiras, no turno da tarde, com duração de 1h e 30 min na sala Braile, que fica na biblioteca central da

UFPA, pois nesse ambiente a aluna sentia-se mais confortável pois o espaço possui cabines privativas com computadores adaptados para deficientes visuais além de, se necessário, pessoal de apoio para possíveis intervenções com recursos assistivos para cegos. Outro fator importante em relação as aulas é que a aluna preferiu que os conteúdos fossem enviados em pdf via WhatsApp pois seu celular possui aplicativo que faz a transcrição do material, portanto não foi preciso fazer adaptação em Braille. As aulas também foram gravadas em vídeos para que num momento posterior a aluna pudesse revisar os conteúdos estudados.

Os conteúdos ministrados foram adaptados dentro da ementa prevista para o curso de História.

3. Resultados

A cada dia mais se fala sobre educação inclusiva no Brasil. O ensino inclusivo é aquele que se adapta à diversidade de cada aluno. O professor precisa estar disposto a fazer a diferença no ensino-aprendizagem desse aluno. A Lei Brasileira de Inclusão afirma que é dever do Estado, da sociedade e da família assegurar a reabilitação à pessoa com deficiência. Segundo a legislação, o processo de reabilitação:

[...] tem por objetivo o desenvolvimento de potencialidades, talentos, habilidades, aptidões físicas, cognitivas, sensoriais, psicossociais, atitudinais, profissionais e artísticas que contribuam para a conquista da autonomia da pessoa com deficiência e de sua participação social em igualdade de condições e oportunidades com as demais pessoas. (BRASIL, 2015)

A Constituição Federal do Brasil de 1988 ampara a educação inclusiva, estabelecendo igualdade de direitos e vedando qualquer discriminação baseada em deficiência, gênero, etnia e religião, dentre outros critérios.

Outro importante avanço na área educacional é a Lei Brasileira de Inclusão (Lei 13.146/2015), também conhecida como Estatuto da Pessoa com Deficiência, aonde estabelece diretrizes específicas para a inclusão de pessoas com deficiência em todos os aspectos da sociedade, incluindo a educação. Nesse sentido, a Libras é um dos meios legais presentes na Lei Brasileira de Inclusão pois viabiliza a comunicação de uma comunidade minoritária que pertence a comunidade surda.

A Língua Brasileira de Sinais–Libras, é uma língua de modalidade gestual-visual que passou a ter status de língua da comunidade surda a partir da Lei nº 10.436/2002 (BRASIL, 2012):

Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos,

oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.

A Libras é considerada uma língua visual motora por utilizar as mãos como meio de comunicação e os olhos como meio receptor dessa comunicação. Essa língua é direcionada a pessoas surdas, surdo-cega, pessoas sem braços e para quaisquer pessoas que tenham interesse em conhecê-la. Para as pessoas surdas e ouvintes ela é ensinada na modalidade gestual-visual, para as pessoas surdas-cegas na modalidade tátil e para as pessoas que não tenham braço ela será adaptada para os pés, através do sistema podal.

Entretanto, a aluna em questão, apresenta transtorno sensorial que a impede de realizar estudos que sejam necessários a utilização de toques físicos. Como consequência, a aluna pode apresentar repulsa, ansiedade e até mesmo nervosismo diante de estímulos sensoriais que não a deixem confortável, limitando assim o seu aprendizado (Baranek; et al, 1997; Magalhães, 2008; Caminha; Lampreia, 2012; Omairi, 2013; Schaaf; Lane, 2014). Por isso, buscou-se como alternativa para seu aprendizado, a utilização de audiodescrição dos sinais.

O relato apresenta informações desenvolvidas durante entre os meses de outubro de 2023 a dezembro de 2023 e será feito em ordem cronológica, levando em consideração os avanços vivenciados pela discente. As aulas ocorreram todas as terças-feiras e quintas-feiras, no turno da tarde, com duração de 1h e 30 min

Na primeira aula foi solicitado que a aluna fizesse um breve relato, por escrito, sobre a motivação em aprender Libras. Isso serviu como início de interação até para deixá-la mais confortável durante o seu processo de aprendizagem. A aluna utilizou o computador adaptado da sala de Braille para fazer seu relato. Segundo a aluna tudo se iniciou assim:

“É notório que as experiências das pessoas com deficiência são entrecruzadas indelevelmente por diversos marcadores sociais, de tal forma que o meu caso não seria diferente. Nasci com retinopatia da prematuridade, perdi a visão do lado direito em decorrência do oxigênio usado na UTI neonatal e, no lado esquerdo, fiquei com 50% de visão e sem a visão periférica; de tal maneira que, desde a minha infância a minha pré-adolescência, fiz parte do grupo de pessoas com baixa visão.

Alguns anos se passaram e, em meio a tanta falta de inclusão e tanto capacitismo, eu tinha um desejo de aprender Libras para me aproximar de outro grupo com outras demandas, diferentes das minhas, pois julgava que a acessibilidade para a comunidade surda era muito mais difícil do que as demais.

Um outro ponto decisivo para aumentar meu desejo em aprender Libras se deu ao fato da

criação do projeto de acessibilidade do Museu Emílio Goeldi, “Estudos de Curadoria, Conservação e Socialização da Coleção Arqueológica do Museu Goeldi – Acessibilidade na Coleção Arqueológica do Museu Paraense Emílio Goeldi”, cujo eu era uma das idealizadoras e bolsistas de iniciação científica responsável por esse processo, de tal forma que, em meio às atividades de elaboração de roteiro para áudio descrição, também coloquei no plano de trabalho a implementação de LIBRAS no catálogo acessível do projeto.

Um tempo depois, fiquei sabendo que Libras era uma das opções das disciplinas complementares da universidade, foi quando eu entrei em contato com a coordenadoria de acessibilidade para verificar essa possibilidade, mas infelizmente já tinha passado o período de matrícula. Entretanto, encontrei a diretora adjunta do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, que se prontificou em ajudar e me orientou a fazer todos os trâmites necessários, pois ela já havia conversado com a professora de LIBRAS, então meu entusiasmo cresceu ainda mais”.

Depois do seu relato, foi explicado os conteúdos a serem ministrados nas aulas seguintes e que eles estavam atrelados de acordo com o desenvolvimento da sua aprendizagem.

Na segunda aula, conversamos sobre a História da Educação dos Surdos, como eram vistos em diferentes épocas; surgimento da língua de sinais, principais educadores, alfabeto manual, Conferência de Milão, língua de sinais no Brasil, criação do INES, Libras como língua oficial da comunidade surda.

Na terceira aula, trabalhamos os componentes do sinal de que são conhecidos como Parâmetros da Libras: a configuração de mão, o ponto de articulação, o movimento, a orientação e as expressões faciais e corporais. Sobre esse último parâmetro a aluna apresentou dificuldades em realizá-los devido possuir pouca expressão facial. Entretanto, foi trabalhado a expressão de alegria e enfatizado uma expressão mais neutra para ser utilizada quando estivesse com raiva e/ou triste. Para Moraes (2004) apesar de os indivíduos com deficiência visual apresentarem uma expressão *facial* reduzida, os resultados sugerem que eles não são completamente inexpressivos.

No quarto encontro, trabalhamos a datilologia, conhecida como alfabeto manual. Todas as configurações de mãos foram realizadas através de áudio descrição e depois reproduzidas pela aluna, como mostram as figuras a seguir:

Figura 01: CM em A



Descrição da imagem: Mão levantada na altura do rosto, palma da mão virada para frente, punho cerrado ou mão fechada com polegar tocando na parte lateral do dedo indicador.

Fonte: arquivo pessoal da autora com autorização da aluna

Figura 02: CM em B



Descrição da imagem: Mão levantada na altura do rosto, palma da mão aberta, virada para frente, os quatro dedos unidos (indicador, médio, anelar e mindinho) e o polegar tocando no centro da palma da mão.

Fonte: arquivo pessoal da autora com autorização da aluna.

No quinto encontro tivemos aula prática de datilologia na formação de alguns nomes como por exemplo a datilologia do seu nome CAROLINA e outros mais. Fizemos várias repetições como forma de memorização do alfabeto.

No sexto encontro, incorporamos na aprendizagem outros sinais como de saudações e cumprimentos e de apresentação.

Exemplo de saudação:

Figura 03: Oi CM em O e I juntas



Descrição da imagem: Mão levantada na altura do rosto, palma da mão para frente, primeiro fazendo a configuração de mão em O e depois levantando somente o dedo mindinho fazendo leve movimento de vai e vem da direita para esquerda.

Fonte: arquivo pessoal da autora com autorização da aluna

No sétimo encontro, a aula foi pautada na prática de sinais já trabalhados nas aulas anteriores e a incorporação de sinais relacionados aos tipos de números: cardinal, ordinal e quantidade.

No oitavo encontro ampliamos o aprendizado com os sinais relacionados aos meses do ano. A aluna assimilou com rapidez os sinais pois fizemos um aprendizado em contexto utilizando as datas de aniversário de alguns membros da sua família.

No nono encontro iniciamos a aula relembrando os sinais já apresentados e corrigindo alguns possíveis erros na sinalização. Foi uma aula somente de prática.

No décimo encontro, trabalhamos os sinais relacionados a família, alguns verbos simples como CONHECER, GOSTAR, AMAR, QUERER e alguns pronomes utilizados em frases simples: EU, VOCÊ, MEU/MINHA.

No décimo primeiro encontro novamente praticamos a sinalização das aulas anteriores.

Na décima segunda aula, trabalhamos os sinais relacionados a cores. O aprendizado aconteceu de forma contextualizada em aplicação de frases simples que já auxiliam, de forma básica, em uma interação com o surdo. Outro momento importante que tivemos nessa aula foi o batismo da aluna por uma professora surda oralizada que analisando e conversando com a discente batizou com o sinal que será sua identidade para a comunidade surda. O sinal da Carolina é: mão direita na altura do rosto, palma da mão virada para a esquerda, configuração de mão em C tocando o rosto um pouco acima do olho direito e depois descendo tocando o rosto logo abaixo do olho direito. A aluna aceitou e fez o agradecimento, a professora, em Libras.

Do décimo terceiro encontro ao décimo quinto, as aulas foram práticas, a aluna fazia a sinalização de acordo com os comandos dados.

No último encontro foi aplicada a avaliação final para compor o conceito de nota da aluna, uma vez que a avaliação foi sendo construída no decorrer das aulas. Foi pedido, para a aluna, que apresentasse uma frase que constasse palavra-sinal e o recurso da datilologia. A frase apresentada foi: - Oi, meu nome é Carolina, meu sinal é.... Eu amo minha família. Eu gosto da cor Lilás.Tchau! Ao final da disciplina, Carolina relatou que:

“No dia que percebi meu sinal de identificação em Libras, fiquei bastante tocada pois não é comum um deficiente visual aprender Libras na modalidade visual, isso me propiciou uma verdadeira experiência com as pessoas da comunidade surda, pois a LIBRAS tátil, mais comumente usada com deficientes visuais, só é passível de ser entendida por um surdo se ele for usuário dessa língua”.

A aluna encerrou a disciplina com conceito E (excelente) pois conseguiu êxito em seu desempenho linguístico.

4. Considerações

É fundamental ressaltar a importância da comunicação e da utilização das diferentes linguagens na educação. São por meio da comunicação que acontecem as trocas, o diálogo social e a manifestação individual, fundamentais no processo de ensino e aprendizagem.

Diante disso, buscou-se o aprendizado da Libras pela aluna surda numa abordagem que priorizou não uma proficiência avançada, mas uma fluência como um artefato de comunicação.

Ademais, no tocante a que se refere esse relato, a expectativa é que esse texto possa servir para fomentar reflexões sobre o tema, propiciando desenvolvimento de metodologias na assistência da aquisição da Libras, como segunda língua, por deficientes visuais, pessoas com Transtorno de Modulação Sensorial ou por qualquer pessoa que possui limitação sensorial, mas que deseja conhecer e aprender a língua de sinais como segunda língua.

5. Referências

Baranek, G. T.; FOSTER, L. G.; Berkson, G. Tactile defensiveness and stereotyped behaviors. **Am J Occup Ther**, v. 51, n.2, 1997.

Braga, A. P. M. **As expressões faciais de alegria e de tristeza do cego e a sua funcionalidade na comunicação**. Dissertação de Mestrado em Distúrbios da Comunicação Humana. Universidade

Federal de São Paulo, São Paulo, p. 92, 2004.

Brasil. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002.** Dispões sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS e dá outras providências. Diário Oficial da União. Disponível em:

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm. Acesso em: 01 de fev de 2024

Brasil. **Lei nº 13.146, de 06 de julho de 2015.** Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em:

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm. Acesso em 01 de fev de 2024.

Bundy, Anita C.; Lane, Shelly J.; Murray, Elizabeth A. (eds.). **Sensory integration: theory and practice.** 2. ed. Philadelphia: Davis, 2002.

Caminha, R.; Lampreia, C. Findings on sensory deficits in autism: Implications for understanding the disorder. **Psychology & Neuroscience**, v.5, n. 2, p. 231-237, 2012.

Lane, Shelly J.; Miller, Lucy Jane; Hanft, Barbara E. Toward a consensus in terminology in sensory integration theory and practice - Part2: **Sensory integration patterns of function and dysfunction.** **Sensory Integration Special Interest Section Quarterly**, v. 23, n. 2, p. 1-3, jun. 2000.

Magalhães, L. C. Integração sensorial: uma abordagem específica da Terapia Ocupacional. In: Drummond, A. F.; Rezende, M. B. **Intervenções da terapia ocupacional.** Belo Horizonte: UFMG, 2008. p. 44-69.

Monteiro, S. M. F. **Revisão sistemática da literatura sobre a utilização da proposta de Integração Sensorial de Ayres para as pessoas com o Transtorno do Espectro do Autismo na educação.** Dissertação (Mestrado) em Tecnologias, Comunicação e Educação - Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, p. 104, 2023

Omairi, C. Integração sensorial e o transtorno do espectro autista. In: OMARI, C. **Autismo: perspectivas no dia a dia.** Curitiba: Ithala, 2013, 2013. p. 139-152.

Schaaf, R.; Lane, A. E. Toward a best practice for assessment of sensory feature in ASD. **J Autism Dev Disord**, v.45, n. 5, p. 1380-1395, 2014.